

# COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Braga, 12 mezes. . . . .	1\$600
» 6 » . . . . .	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Anuncios cada linha. . . . .	20
Repetição . . . . .	10

5.º ANNO

PUBLICA-SE  
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes. . . . .	2\$000
» 6 » . . . . .	1\$030
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte. . . . .	3\$600
Folha avulso . . . . .	10

N.º 720



## SALVE DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1640!

Na historia dos grandes feitos humanos, a mais bella pagina é aquella cujo anniversario hoje commemoramos. E na verdade um dos mais nobres feitos que enobrecem a historia dos povos civilizados e com especialidade de Portugal, é sem duvida a gloriosa revolução de 1640, essa revolução filha legitima do amor da patria executada não para elevar homens, mas sómente para libertar a patria, essa revolução que mostrou que uma nação por mais pequena que seja e abatida, é sempre grande e poderosa, quando uma só vontade a anima e um só interesse a impelle; e até invencível se essa vontade tem por base a justiça, e se interesse tem por mãe, a virtude.

Esboçemos os factos.

Ao bellicoso e confuso som dos clarins—quando a noute estendia por sobre a terra, seu negro manto recamado de luzentes e scintillantes estrellas—as hostes das Quinas,—afogavam-se n'um mar immenso de sangue.

Trinta mil cadaveres de senhores e de escravos, nivelados pelo anjo da morte, juncam o areal, ou deslizam pelas aguas do antigo Siso de Ptolomeu; a flor da cavallaria portugueza, eil-as afogadas em sangue.

As santas Quinas d'Ourique, sacudidas pelo medonho tufão que rugia no deserto, brilhavam sempre atravez a onda impetuosa de uma lucta encarniçada.

Depois de mil gentilezas d'armas, o infeliz e desejado rei D. Sebastião, se entranhou com a espada na mão, pelas cohortes mouriscas; semelhante ao anjo de extermínio levava a morte áquelles que topava na sua vertiginosa carreira.

Desappareceu entre mil alfanges e lá foram os despojos do rei christão, ornar a mumia do imperador musulmano.

A nova fatal da perda do rei e do exercito, que a olhos vistos sepultava a independencia e a gloria de Portugal, chegou até á humilde pouzada do antigo guerreiro de Africa e do Oriente, do cantor das façanhas nacionaes, o homem que travára d'el-rei D. Manoel, com um braço, e de Vasco da Gama, com o outro, que se elevára com elles á immortalidade, por entre os escolhos da miseria e da calumnia, tão mal pago os seus, que só encontrou conforto e afecção no pobre Jau, olvidando agora as ingratidões de principes e de povos, para só se lembrar da perda do seu rei e da sua patria, de puro despeito se finou, exclamando como o ultimo romano: *Patria, ao menos morreremos juntos.*

Que perdas!... D. Sebastião... Camões!... Eram as armas e as letras personificadas. Eram os genios da cavallaria e da epopea.

Lisboa a mais bella perola da Europa, a senhoril cidade, que se reclinava n'um leito de marmore e de flores e se expregueia com indolencia pelas suas praias desde Xabregas até á Torre de Belem, vergara sob o ferino jugo da usurpação estrangeira!

Raiára malfadado para esta terra de heroes o anno de 1580. Por morte do Cardeal D. Henrique, passára o throno

às mãos de Philippe II de Castella. Agri-lhoada, Lisboa ao poste infame de uma vil e tyranica conquista—deixava, sem soltar um queixume sequer, açoitar-lhe, as faces, o infortunio dos tempos:

Pobre e abatida, nem sequer em desafogo podia enxugar as lagrimas que lhe resvalavam das descoradas faces!

A cada novo golpe—nova coragem lhe entumescia o animo varonil!

Olhava para o passado, e via as suas passadas grandezas.

E no desassombro sublime impassível a tanta vilania e audacia, apenas sorria do seu throno de rainha, revendo-se no seu bello Tejo, cujas mansas aguas vinham de mansinho banhar-lhe os sympathicos pés de rainha!

No meio dos seus queixumes e de suas agonias, soltava um grito que ia asy-lar-se no seio immenso de Jehovah!—Deus.

Bem sabia ella que tinha sido o Deus d'Ourique e a Virgem das Victórias, quem ajudára a Affonso Henriques e a D. João I, a um a fundar a monarchia portugueza, e ao outro a sustentar e firmar a independencia da mesma.

No céo depositára todas as suas esperanças!

E o céo realisou-lhas.

Risonho despontára o dia 1 de Dezembro de 1640!

A natureza revestira todas as suas galas de formosura

A manhã corria serena.

De quando em quando a aragem vinha agitar os verdes ramos dos arvore-dos, casando o seu doce cicio aos mur-murios dos regatos que preguiçosamente se deslisavam, e aos sonoros cantos dos passarinhos, saudando o astro formoso do dia, o qual com esplendor despontára no horisonte.

No limpido azul do firmamento nem uma só nuvem se divisava.

Que linda manhã! Tudo era um hymno que a natureza elevava ao seu Creador—Deus.

No relógio da Sé haviam soado 9 horas. Havia soado a hora da justiça!

Quarenta fidalgos confederados, tendo-se todos confessado e commungado no dia antecedente, implorando os auxilios de Deus e da Virgem, e tendo avisado aquelles de quem precisavam, determinaram libertar a patria.

A um tiro de pistola, dado por João Pinto Ribeiro, os conjurados puzeram-se em acção pela maneira seguinte. Jorge de Mello, Antonio d'Athayde e Estevão da Cunha, com alguma gente que os seguia, detiveram os soldados castelhanos que estavam de guarda. D. Miguel d'Almeida, inda que velho, subiu arrebatadamente á salla dos tudescos, e disparou uma pistola, signal que se havia ajustado para que se repartissem pelos logares de que cada um fôra encarregado. O porteiro-mór, Luiz de Mello, e João de Saldanha e Souza, ganharam o logar onde estavam as alabardas dos soldados. D. Affonso de Menezes, Gaspar Brito Freire e Manoel Antonio d'Azevedo, lançaram-as todas em terra, impedindo que os soldados as podessem tomar. Alguns castelhanos, intentaram impedir o passo da porta onde morava Miguel de Vasconcellos, mas o valor de Pedro de Mendonça e Thomé de Souza, carregou-os, de sorte que des-sampararam a porta, e querendo ganhar uma que ia ao quarto da duquesa de Mantua, já a acharam occupada por Luiz Godinho Benavente, creado do duque de Bragança, e por outras pessoas que o acompanhavam.

A este tempo o respeitavel velho D. Miguel d'Almeida, de perto de 80 annos, com a espada na mão, disse gritando:—Valorosos portuguezes viva el rei D. João IV, até agora duque de Bragança, viva! morram os traidores que nos arrebataram a liberdade! Outros, buscando a casa de Miguel de Vasconcellos, entraram pelo corredor, e encontrando Francisco Soares de Albergaria, corregedor do civel da cidade, lhe gritaram todos: viva el-rei D. João IV! e elle arrebatado, tirando da espada, respondeu: «viva el rei D. Philippe», a que se seguiu darem-lhe um tiro de pistola, que em poucas horas lhe tirou a vida.

Pouco depois Miguel de Vasconcellos era precipitado d'uma das janellas do paço, para a rua e arrastado pelas ruas de Lisboa pelo povo amotinado.

A' frente do povo desvairado, um sacerdote, erguia na mão esquerda o Crucifixo, na direita uma espada—e ao grito de:—Liberdade! por Deus Liberdade!.....

A vingança foi tremenda, mas justa e merecida.

A mutação fôra completa.

A Lisboa d'aquelle dia já não era a Lisboa castelhana.

Mas era a cidade dos encantos, das folias, das saudações e das felizes recordações do passado.

Hymnos e hosannas eram da gloriosa revolução o premio.

Liberdade, gloria, triunfo e alegria, eram do povo os louros.

O som do bronzeo sino, confundia-se no espaço com os hymnos de acções de graça que de todos os peitos agradecidos sahiam; a vozzeria do povo aturdia o espaço, e a satisfação, a santa alegria divisava-se em todos os corações, onde pulsava forte o santo amor da patria, da religião e do rei.

Oh! como foi grandioso o espectáculo d'aquelle dia para sempre memoravel!

E' que os descendentes d'aquelles heroes portuguezes de 1139 e 1385 já não tinham que implorar a rei estrangeiro, o bocado de terra da patria onde repousassem para sempre as suas cinzas, como muito bem diz o escriptor modesto do nosso seculo.

Contemplando agora aquelles felizes tempos com os modernos, oh! como nos sentimos esmorecer a contemplar tanta miseria e tão pouco amor pela patria!

E' que o patriotismo e a abnegação se desprendem de nós para nos deixar vacilantes entre o indifferentismo e a descrença.

E' que a mocidade já não é educada n'aquellas rebustas e solidas doutrinas!

E' que a religião e a patria não são os dois pontos de mira para a felicidade d'este fidelissimo reino.

E' que, finalmente, ao ouro e á conveniencia propria se sacrificam as mais nobres aspirações da alma, resultando d'ahi mil fraudes e enganões para conseguir aquelle, e outras tantas torpezas para conseguir esta.

Que infelizes tempos os nossos!

Quem sabe, se algum reino estrangeiro se apoderasse do nosso querido Portugal, se appareceria por ahi algum João Pinto Ribeiro ou D. Antão d'Almada, que tomasse a ardua tarefa que em 1640 se poz em plano!

Hoje são mais numerosos os Migueis de Vasconcellos, do que os Migueis d'Almeida, etc.

Mas esqueçamos n'este dia tão solemne tanta decadencia, e elevemos ao céo um grito de jubilo por tão santo anniversario Portugal, velho venerando e decrepito exulta!

Despontou com este dia a aurora de mais encantador fulgor!

Praza a Deus, que tu livre, e só livre, encerres no meu ultimo dia no tumulto, as minhas cinzas, porque só tu, oh Portugal, és a doce realidade de meus sonhos, a nobre aspiração, depois de Deus, da minha alma, e a suave e santa alegria de minha pobre e triste vida.

Salve pois, mil vezes salvè dia 1 de Dezembro de 1640!

J. M. R. Valente.

## BRAGA—SABBADO 1 DE DEZEMBRO DE 1877

A' Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 14 de Novembro, 1877.

### SUMMARIO.

(Conclusão)

II.—O caso deploravel do Padre Curci segundo o papel de Bruxellas (*La Gaceta Internacional*).

III.—A Maçonaria Irlandeza rompendo relações e fraternidade com a de França, por esta admitir gente que não crê na existencia de Deos.—Bom Collegio, e Estabelecimento de Educação Catholica para Meninas.

Já que estamos no terreno das suggestões perguntarei eu proprio:—A' vista d'isso, não seria muito melhor, e muito mais facil, e menos offensivo aos Catholicos, o fazer na Italia, como no Japão, onde ha um Soberano Temporal e outro Espiritual, cada um em sua residencia separada? ; Porque não havia o Soberano temporal ficar em Florença, muito mais propria para Capital politica de Italia (como admite e suggere até o celebre Gallenga, que se não pode accusar de partidario do Papa), e o Pontifice na sua Roma? Esta solução porem, muito mais decente e razoavel, não prehencia as vistas do Protestantismo Inglez, nem da Maçonaria anti-Catholica; pois a occupação de Roma, e o transportar para lá o throno do Piemonte, tem por verdadeira causa a *hostilidade ao Catholicismo e a humilhação do Pontifice e da Igreja*; quem dissè o contrario, ou não sabe o que diz, ou, sabendo-o, mente. Continúa o papel de Bruxellas:—

«Segundo o Padre Curci, enquanto durar o antagonismo actual (antagonismo provocado de um lado, por aspirações estereis, do outro por desconfianças odiosas e rancores), a Igreja terá muito que soffrer; mas nem por isso perecerá. Pelo contrario, purificar-se-ha por seus proprios soffrimentos; ao passo que a Italia, debilitada no interior, separada de suas alianças naturaes, obrigada a buscar apoio entre os inimigos do Catholicismo, correrá grande risco de ser desmembrada mais de uma vez, e de soffrer o dominio Allemão, muito mais duro hoje que nos tempos passados. Ajudará a Italia ao abatimento da França, salvo a ser ella mais tarde pisada e abatida pela Alemanha.

«Pelo contrario, uma Italia christã, tendo á testa o Papa e um Rei-christão, será uma Italia verdadeiramente grande e forte. Longe de ser obstaculo á França, será seu apoio, e se encontrará, como em alguma outra vez á testa da Europa».

Tal é a revista e idéia que a *Gazeta* dá do negociado do Padre Curci; e em uma nota dá delle esta noticia e caracter, copiando de uma folha Franceza:—

«Napolitano (o Padre Curci), tem toda

a facundia, toda a fineza, todo o brilhante, e tambem toda a versatilidade Napolitana. A 25 annos, promettia já ser uma das luzes e uma das glorias futuras do *Gesu* (o Grande Convento dos Jesuitas em Roma). Foi um dos fundadores da *Civiltà Catholica*, a famosa Revista dos bons Padres, de que se conservou sendo, até estes ultimos tempos, um dos inspiradores; mas é antes como prégador que elle se fez conhecer.

Não pode a gente deixar de sentir e deplorar a queda de um homem assim, mas é consolador o pensar, que, segundo todas as noções que por ora temos, não parece haver perigo de que o seu tropeção seja como o de *Passaglia*; e muito menos que se emporca-lhe e degrade como o infame apostata (de outra Ordem) o escandaloso *Gavazzi*.

III.—Não me lembra distinctamente, se alguma vez tenho feito notar nesta correspondencia—parece-me que sim—as differenças que ha entre os Maçons Ingleses (ou Irlandezes) e os do Continente. Eis aqui uma noticia curiosa, no *Times* de 5 do corrente, a tal respeito:—

«A Grande Loja dos Maçons na Irlanda, passou por unanimidade a seguinte resolução:—«Attendido que a Grande Loja de Irlanda recebeu notificação official, de que o Grande Oriente de França, alterou o primeiro artigo da Constituição, mudando-lhe a forma precedente, e omitindo nella, como um dos principios fundamentais, a crença na Existencia de Deos, e a immortalidade da alma; a Grande Loja d'Irlanda, por esta sua resolução declara, que o Grande Oriente de França, havendo por tal alteração, tornado admissíveis como membros das Lojas da sua jurisdicção, pessoas que não acreditam na existencia de uma Divindade pessoal; infringiu com isso os fundamentos da antiga Maçonaria e procedeu em violação do primeiro grande principio da Ordem; e por tanto, a Grande Loja de Irlanda, aqui declara, que não pode continuar a reconhecer a Grande Loja de França como corporação Maçonica; e por tanto determina a todas as Lojas que trabalham sob a Constituição Irlandeza, que recusem receber como Maçons quaes quer pessoas que se annunciam como pertencendo ao Grande Oriente de França, ou de qualquer loja subordinada á sua jurisdicção.

«Acrescenta depois a noticia no *Times*:—«Faz-se uma tentativa para identificar a Ordem da Maçonaria no Reino-Unido com sociedades sem religião e revolucionarias, de natureza semelhante ás do Continente. Esta repudição é provavel seja olhada com geral satisfação»

Como sei que do Brazil continuam varias familias a mandar Meninas a educar a Inglaterra; e como parece que a antiga Casa e convento de *Rochampton*, não recebe já Educandas; poderá interessar a algumas pessoas que leiam o *Apostolo*, o saberem, que ha em *St. Leonards on Soa*, no Condado de *Sussex*, um excelente Estabelecimento, de genero semelhante ao antigo de *Rochampton*, e que me dizem de boa parte, offerece as melhores vantagens e condições para o effeito. Heide tomar informações mais miudas, e communicar-as ao *Apostolo*, para os convenientes effeitos.

A. R. SARAIVA.

### Enterros civis.

Carta de *Pancracio da Lourinhan*, a *Hermenigildo Batota*.

Conclusão)

Para não subir mais longe, citarei o decreto de 2 de janeiro de 1862: o que é elle senão um incentivo ás paixões cupidias dos padres para andarem á caça das egrejas mais rendosas, e um empurrão para as chafaricas, onde aprendam a fazer dos «fiéis como materia collectavel—*Lac et lanam querunt in ovibus, non salutem*. E porque o faz? porque parochos que só procuram o leite e a lã das ovelhas, convem mais ao liberalismo, do que aquelles que acima de tudo querem a salvação d'estas. Aquelles ordenham as ovelhas até ao sangue, e tosqueiam-nas até á pelle para comprarem por si ou por interposta pessoa os bens da Igreja, que são patrimonio dos pobres, para deixal-os em herança ás suas familias; perturbam as consciencias, prégando as excellencias do liberalismo, e a obediencia cega ás leis do estado: os outros são as «ex-

cepções honrosissimas» reaccionarios, mimoseados com uma longa sequella de injurias.

Os primeiros, mações, ou maçonisantes, são applaudidos e festejados, porque servem para desconceituar a religião, e destruir a Igreja por suas praticas e ensinios, e dão pretexto aos chafariqueiros para insultar o clero, apontando os maus actos de alguns, sem nomear os auctores (por serem os seus cúmplices) como sendo a pratica de todo o clero, mesmo do que denominaram «cepções honrosissimas», a não serem de tão provecta idade que resvalam delles as accuzações. Isto já se viu em 1789 e annos seguintes em França. E não se diga que tal não era a intenção de quem fez o decreto. Em 1857, e posteriormente, o *Portuguez* e outros jornaes liberaes incitavam o governo a que desse as parochias aos padres de costumes não virtuosos, porque só assim conseguiria estender pelo povo a sua influencia. Estudou-se o caso, houve projectos e contra-projectos, e por fim apontou-se no decreto de 2 de janeiro, obra da mais nefanda malicia e ascorosa hypocrisia; e as consequencias, quaes se previam e desejavam, tu vens agora lastimal-as. Falobas sinceramente? Só a Deus e tu o sabem.

Não extranho as tuas declamações, copiadas quasi palavra por palavra das que os manicheos diziam contra os padres nos primeiros seculos da Igreja, e depois os albigenses, e successivamente os wiclefistas, os moralissimos sectarios de Henrique VIII, Isabel e os outros reformistas, até os da revolução franceza; nem extranho as heresias que alindam, e que tambem alli se acham: o que poderia extranhar é que não te atrevesse a dizer como alguns d'aquelles diziam, e os outros faziam, que assim como os fiéis não devem ter a obrigação de aceitar os sacramentos (das mãos) de ministros que as leis da Santa Madre Igreja consideram indignos, tambem os reis, os magistrados e quaesquer auctoridades por as mesmas leis considerados indignos, não devem poder governar, nem administrar justiça; pois que a respeito delles tambem vigora a doutrina de que «não póde ser considerado ministro de Deus quem é a violação permanente e escandalosa dos preceitos de Deus». Uns e outros são ministros de Deus por mais que penses o contrario.

Meu amigo excedes-te a ti mesmo quando aconselhas o Prelado a que mande «abrir um inquerito geral de *vita et moribus* aos padres do Patriarchado; castigue os criminosos; substitua os indignos; ponha pastores e não lobos á frente do rebanho». Se elle o possesse fazer, e fosse verdade o que dizes, quantos parochos liberaes ficariam nas suas egrejas?! dize-o, se és capaz. Mas, s. exc.<sup>a</sup> não pode. Em primeiro logar as leis liberaes não lhe permitem fazer esse inquerito, e privaram-no de todos os meios de realisar-o quando as leis não lho vedassem, e carece como todos os outros bispos de poder appropriar o castigo á culpa. Lá está o Juizo da Corôa para condemnal-os como acaba de condemnar o prelado de Aveiro por ter querido obrigar um parochos a cumprir os deveres que lhe marca, para com os seus freguezes, o direito canonico; e o pobre do Patriarcha teria que as ver bonitas se se atrevesse a querer substituir algum parochos. O menos que lhe succedia era accuzarem-no de attentar contra os direitos da Corôa, e de o considerarem reu de lesa magestade, de primeira ou segunda cabeça. Então é que os lobos uivariam uns pelos outros, e tocariam castanholas para o devorarem. Agradeço-te pois o teres tu mesmo pateado, sem querer, o infernal plano do liberalismo. Escolhem-se os peiores parochos, em nome do padroeiro, e culpa-se disso o prelado que não os escolhe; culpa-se tambem porque lhes não tira as egrejas; e exigir-se-iam processos contra elle se o fizesse. De qualquer modo levavam a sua ávante.

Tudo nesta carta denuncia que não passas de echo das ideias e desejos de outros, como quem procede sem sciencia, nem consciencia. Dizes, e desdizes. Assim tenho arguido de «futil» a resolução do em.<sup>mo</sup> Patriarcha de mandar benzer as covas dos que se sepultarem no cemiterio, e querendo ensinar o Padre Nosso ao Vigario, negas que seja «legal», e com ridiculo entono affirmas que nem s. em.<sup>mo</sup> nem ninguem é capaz de o demonstrar; asserção que não farias se fosses mais lido. E depois disto, louvas «de todo o coração» esta ordem do Prelado.

Ainda mais. Confessas que «se dá a poluição dos cemiterios ecclesiasticos pelo enterramento de excommungado manifesto, de infiel ou heretico, ou fautor de heresias»; e atreves-te a dizer «que disso não ha nos nossos cemiterios»; e lá estão em ambos enterrados mações, manifestando-se com os emblemas de seus grãos e ritos, e portanto «excommungados manifestos»; estão hereticos e fautores de heresias. Será caso que nunca tivesses acompanhar alli um cadaver de algum amigo, irmão ou primo para dar-lhe o ultimo adeus? Teria graça.

Lisboa, 17 de novembro de 1877.

Teu mt.<sup>o</sup> amigo

*Pancracio da Lourinhan.*

### A peregrinação portugueza a Roma.

XVIII

NO COLISEO

Indizíveis são por certo as impressões que senti ao ver-me n'aquelle mesmo recinto, cujo solo fóra ensopado no sangue de tantos martyres.

Como que fascinado pelo sentimento, não sei que suave melancolia se apoderava de minha alma, detendo-me no meio d'aquellas gigantesas muralhas, que foram testemunhas das mais brilhantes epopeas christãs.

Era ao cair da tarde.

O sol ao desaparecer no occaso, banhava ainda com os seus ultimos raios de luz a mais elevada cornija do assombroso edificio.

Aves nocturnas, saindo do meio das solitarias paredes, volateavam nos ares, como se festejassem o desaparecimento do astro rei, que as retivera durante o dia em seus cubiculos.

E no meio d'esta sepulchral solidão era-me grato contemplar o terreno que mais fecundou a religião que adoro.

Percorri todo o circo com aquella maga saudade que nos inspiram sempre as reliquias do passado.

Alli n'aquelle recinto, vi passar diante de mim todo o velho mundo, caduco pela depravação, furioso pelo despotismo.

Roma, com todas as suas riquezas e ornatos, com toda a volupia e miseria, que a caracterisavam no paganismo, era para mim, n'aquelles momento, como se a estivesse vendo indolentemente recostada nos grandes camarotes e immensas galerias, que guardavam o circo.

O ambiente, purificado pelo odor que de si exhalava a virtude opprimida, perdêra sim esse virus mortifero de que o impregnára a corrupção triumphante; mas em todo aquelle monumento da devassidão e do orgulho descobrem-se ainda as feições moraes d'uma sociedade que não era a nossa.

Dominado pela curiosidade, subi a um dos camarotes.

Ao ver d'ali toda aquella grandesa em ruinas, caprichou a minha imaginação em phantasiar uma festa do amphiteatro.

De um salto retrocedi dezoito seculos, e, no mesmo instante vi-me em frente dos patricios e dos cesares, que, sedentos de prazeres, aguardavam o momento em que o espectáculo devia principiar.

O povo tinha já invadido todas as entradas do amphiteatro.

Os senadores e os patricios occupavam os logares que de antemão lhe tinham sido designados.

As matronas romanas e as vestaes brilhavam no ultimo corpo do edificio.

O murmuro e a impaciencia eram geraes.

Sobre um altar que era a um lado, estavam os instrumentos para immolar as victimas, em que consistia o primeiro acto do espectáculo.

O cezar chegou por fim.

O povo recebeu-o com palmas, que é o modo de lhe manifestar o seu reconhecimento e entusiasmo pelas festas que vão começar.

Pouco depois o sangue das victimas tingia o altar, e as vestaes que tomavam parte no sacrificio, subiam para os seus logares, orgulhosas por haverem applacado os deuses com a vida de um homem.

Seguiram-se os jogos.

A um signal dado appareceram os gladeadores, divididos em tres turmas, na ultima das quaes vinham os *bestiaros*.

Estes infelizes saudam o cezar com o sorriso nos labios e lançam-se na lucta.

A multidão segue com interesse os contendores e aplaude com frenesi o ferido que cae estrangulado.

D'ahi a um momento a gritaria redobra.

Uns poucos de homens rolam sobre a terra cobertos de sangue e pó.

O entusiasmo attingiu então o delirio. As musicas tocam, as palmas redobram e os gemidos das victimas perdem-se no meio de uma voseria immensa, tumultuosa e sanguinaria.

Do camarote das vestaes tinha partido o signal para que se acabassem de matar os f. ridos.

Então aquella turba de barbaros levanta-se, e com a vista cravada no gladio dos vencedores, parece invejosa do sangue que se coa pela terra.

A festa estava acabada; mas o cezar sempre generoso, sempre prodigo com divertimentos para o povo, tinha-lhe preparado uma surpresa.

Um pobre velho e uma gentil donzella acabavam de ser introduzidos no circo.

Eram dois piedosos christãos que insistiram em não querer sacrificar aos falsos deuses do imperio.

Com o corpo rasgado pelos açoutes, pendem-lhe dos braços grossas correntes de ferro. Os seus semblantes, porém, estão alegres.

Transluz-lhes no rosto a esperança; e da tranquillidade que lhes vae n'alma, dá testemunho a gravidade de seu gesto.

O povo, na loucura da sua gratidão por tantos divertimentos, pede as feras; que nas jaulas onde as retem, uivam de desespero e contentamento, como se lhes farejasse já o banquete que lhes era preparado.

D'ahi a um instante, o sangue dos dois martyres corre a jorros; e um tigre e um leopardo repartem entre si, no meio dos mais vivos applausos, a carne das victimas.

Quando tudo estava concluido, e a turba dos espectadores já descia das galerias e camarotes, para ir banhar-se nas thermas de Caracala, que ficam perto, apenas de tudo restavam alguns ossos que não poderam ser estalados pelos dentes das feras.

D'ahi a algumas horas era noite.

Toda aquella multidão, embriagada com o sangue das victimas, estava engolfada nas orgias e na devassidão.

O Amphiteatro estava deserto. O silencio era apenas quebrado pelo bramir raivoso das feras.

A pallida luz da lua que se levantava no firmamento, podiam ver-se dois vultos caminhando com passo firme até se internarem nas sombrias abobadas do Amphiteatro.

Eram duas virgens christãs que, vencendo a natural fraqueza do seu sexo, iam procurar na arena ensanguentada as reliquias dos martyres que escaparam á voracidade das feras.

M. MARINHO.

### A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes.

A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes é uma cousa impossivel, mas vemos que os governos não tem força para se arrostar com ella, e fazel-a cumprir com os seus deveres.

E porque será?

E' uma cousa com que ninguem ainda não ponde atinar, são segredos da abelha.

O serviço é vergonhoso.

O pessoal insignificante, e no geral, estúpido, arrogante e brutal, e ás vezes gatuno?

Não ha segurança.

Roubam-se as bagagens e as mercadorias, e responde-se mal aos queixosos.

A linha esta perigosa, desfaz-se.

O material circulante a fazer-se pedaços e insufficiente, entrando nisto os carros dos passageiros.

As estações indecentes.

Não ha resguardos nas passagens de nivel.

Os guardas não fazem caso e são poucos em numero, e não fiscalizados.

A velocidade é do charrião.

Não ha um expresso.

As mercadorias que deviam ser transportadas de Lisboa ao Porto em 22 horas levam não poucas vezes 22 dias.

Ha umas tabellas que ninguem entende, com ellas rouba-se muito, e não poucas vezes se faz gancho trocando umas por outras.

Assim se engana o publico, com o maior cynismo, e se alguem reage mais seriamente contra tanto abuso, mesmo de

confiança, logo os tunantes ameaçam com as policias correccionaes.

Isto se vê neste paiz corrupto, onde tudo se cala e accomoda por considerações politicas, por soborno, e pela devassidão.

Não se faz a segunda linha, não se emenda e encurta a que está, que é um disparate em muitos pontos, senão quasi desde o principio até ao fim.

Não se trata de melhorar, trata-se sómente de explorar o publico, de o vexar por todas as fórmãs possíveis.

E porque se faz isto? E' porque nesta terra não ha governo, ha só ministros, que fazem politica com tudo, e as mais das vezes são partes interessadas nas companhias.

Aqui é que está o mal principal, o mal que não se cura, senão com remedio energico; mas como applicar esse remedio?

Isso é uma questão de tempo: a corda tanto se puxa por ella, que quebra, e isto quebra por força, e os puxantes vão de trambolhão.

E verão então a garotada a rir e a fazer troça aos figurões da vespera, reduzidos ao escarneo, e se fôr só isso não é pouco.

Os escravos tem-se revoltado por muitas vezes contra a tyrannia, e não poucos tem sido martyrisados, mas tambem por vezes a fortuna os tem ajudado a obter a sua liberdade.

E nós estamos por tal fórmã escravizados por companhias privilegiadas, que attentando como attentam contra a liberdade, provocam os conflictos resultados da escravidão.

A companhia é um estado no estado, tanto assim que o governo não tem força para a fazer entrar na ordem das suas obrigações a cumprir, revolta-se e vence.

Ainda não houve um governo que lhe tomasse contas sérias, que a sequestasse e incorporasse no Estado, e acabar com aquelle estado vergonhoso para os estrangeiros, que nos visitam, e que nos julgam á vista de tanta immundicie, um paiz em grande atraso.

Nós somos de opinião que os caminhos de ferro devem ser do Estado, como são as grandes estradas, mas quando não possam ser todas sejam-no ao menos as linhas principaes. E' preciso que haja governo que olhe por isto, e o cumpra.

Esta companhia com as suas intrigas e traficâncias impeliu no ministerio passado, que era conservador, que o caminho de ferro da Beira Alta se fizesse. Hoje que o governo é progressista, como a companhia, não se fará.

Vê-se, pois, que o governo progressista da nossa terra é a negação do progresso, e que o conservador é fomentador e regenerador, muito embora seja um pouco esbanjador, no que concordamos.

Assim, com estes progressistas de má morte podem ter a certeza os berões, que não obterão tal caminho, e que o silvo da machina tarde por lá se ouvirá.

Ha ainda outro motivo para demorar a construcção do tal caminho. A companhia espera com o tempo achar-se habilitada a construir o caminho com algum governo da sua gente, e assim fazer-se senhora das linhas principaes do paiz e internacionaes.

Ora isto é que se deve saber para se combater vigorosamente, e que se faça pagar caro a quem foi a causa de não termos já um verdadeiro caminho internacional, grande melhoramento para nós e para a Europa.

A imprensa independente vigie este negocio da companhia, e não queira com o seu silencio auctorisar tão grandes e permanentes escandalos.

A linha ferrea de norte e leste deve ser adjudicada ao Estado.

E' esta a opinião dos homens cordatos.

\*\*\*

Coimbra, 27 de novembro.

(Do nosso correspondente).

Terminou hontem quasi á noite o apuramento das listas da eleição camararia. O que já hontem lhe disse com muita probabilidade, digo-lho hoje com certeza.

Venceu a opposição por uma grande maioria (cerca de 500 votos). O governo soffreu a mais monumental derrota, que se podia calcular. Elle contava sempre vencer na assembleia da Sé Cathedral, centro da elite dos eleitores, onde vota o corpo decente da Universidade, a classe

ecclesiastica, os cidadãos probos e distinctos por muitos titulos, emfim todos aquelles que se não deixam corromper pelo ouro e por promessas hypocritas.

E' a assembleia mais illustrada do paiz, é essa que nos hade dar a victoria, e fazer justiça á nossa causa; perderemos tudo, menos a Sé Nova, exclamavam elles ha muito; e vae senão quando a mais distincta e conscienciosa assembleia do paiz infligiu-lhes a mais vergonhosa derrota, e deu-lhes a mais evidente prova de desconsideração.

As sympathias do partido governamental em Coimbra devem aferir-se por esta memoravel eleição, que pôde tambem influir na apreciação da politica geral, e excitar o interesse e reparos do paiz inteiro, por ser esta terra a mais illustrada de todo elle, e porisso aquella em que o suffragio popular melhor se accentua e mais auctoridade tem.

O regosijo tem sido geral. Desde as 4 horas da tarde d'hontem, até á meia noite estouraram nos ares numerosos foguetes, tocando pelas ruas uma banda marcial, vinda de fóra, porque as da cidade não podiam tocar por serem os seus presidentes da politica vencida.

Grande quantidade de povo de todas as classes percorria tambem as ruas dando vivas ao sr. dr. Lourenço, Fernando de Mello, aos eleitores independentes, etc.

Hoje continuam as demonstrações de regosijo.

Um academico, bacharel.

## GAZETILHA

**Reunião.**—Reunem-se amanhã, por 1 hora da tarde, no edificio do Tribunal judicial os cavalheiros mais caridosos, d'esta cidade, afim de accordarem nos meios para effectuar a creação do projectado asylo de mendicidade.

**1 de Dezembro.**—Commemorando o anniversario da nossa independencia, ha hoje espectáculo de gala, subito á scena o drama *Oppressão e Liberdade*, e a comedia *Quem desdenha...*

**Justo pedido.**—Rogamos muito a quem compete toda a attenção para o que com seriedade vamos expor:

Continuam por ahi a correr pamphletos avulsos impressos em alguma typografia clandestina, só assignados com o nome de M. Bernardino da Cunha e Silva.

Já se vê que esta qualidade de publicações é contra lei; mas com a impunidade já conta o sôr Bernardino, quer seja porque a policia com isso não se importe, fechando os olhos quando se andam a distribuir, já porque está convicto de que as pessoas que elle infame e vilmente morde, não se rebaixariam a chamal-o aos tribunaes, receando de que quem perdeu a vergonha e brio e até consciencia de christão, em escrever ou copiar o que elle diz, menos o teria de negar o que mandou imprimir.

Em o ultimo pamphletto diz aquelle sôr Bernardino—Que o jornal a Italia, (que só elle viu), diz que o Papa, pois, está gravemente enfermo e quem não roja a Deus por uma vida tão preciosa, diz o povo que é MAÇÃO. E é inimigo da Igreja aquelle que volta as costas ao Vaticano. E' carbonario, é impio e prostante quem se esquivá á oração pela vida do Vigario de Christo.

Já dissemos ao sôr Bernardino que se deixe de querer levar para os Congregados a cadeira dos *Bartholomeus* e dos *Diogos*, e as preces publicas se farão quando fôr preciso, e da Nunciatura venham as recommendações. E' mui louvavel que os amigos do Papa em lugar de as fazer em sua casa, vão aos templos da Misericordia, Carmo, Salvador, Remedios e ultimamente no do Hospital na novena da Immaculada Conceição, pois que nelles ha laudinhas e orações proprias diante do SS. Sacramento exposto por tenção, vida e saúde do Santo Padre.

Vá lá, e convide o povo a isso, que fará um acto meritorio; não mande badelar o sino dos Congregados sem authorisação, e não ponha a carapuça na cabeça dos outros, que parece que a talhou para si, pois que recebiamos que o rapazio o tome á sua conta como tomou o Catrambias, o José dos folinhos, o Papú e o Laranja. Teremos de lhe applicar em lugar da carapuça que para si talhou um capacete de neve.

**Pasquins.**—A «Gazeta dos Tribunaes» refere que na noite de 26 appareceram em diversos bairros de Paris uns pequenos pasquins injuriando e ameaçando o governo.

Hontem foram presos cem individuos por embriaguez e gritos sediciosos.

O «Figaro» annuncia que, se fôr decretada a dissolução da camara dos deputados, será proclamado o estado de sitio em certos departamentos, com especialidade n'aquelles onde os periodicos discutissem a disciplina do exercito.

**Movimento do Hospital de S. Marcos.**—Doentes existentes em 18 de novembro: 84 homens e 83 mulheres.

Entraram durante a semana finda: 14 homens e 20 mulheres.

Sahiram: 15 homens e 13 mulheres.

Falleceram: 4 homens e 2 mulheres.

Ficaram em tratamento em 25 de novembro: 79 homens e 88 mulheres.

**Preço dos cereaes.**—Na terça-feira ultima, n'esta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo . . . . .	900
Milho alvo . . . . .	600
Centeio . . . . .	490
Milho branco . . . . .	410
» amarello . . . . .	400
Painço . . . . .	480
Cevada . . . . .	600
Batata . . . . .	560
Feijão vermelho . . . . .	900
» amarello . . . . .	720
» branco . . . . .	900
» rajado . . . . .	600
» fradinho . . . . .	480
Azeite . . . . .	6\$000

**SAÚDE A TODOS** sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa fariuha de saúde,

## REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

6 Combateendo as indigestões (dispepsia) gastrica, ga-tralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthma, bexigas, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:00 curas, comprehendendo n'ellas as da duqueza de Castlestuart, do duque de Pluskow, da marqueira de Brehm, de Lord Stuart, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

**Cura n.º 65:811.**—Mr. A. Brunelière, cura, de uma dispepsia de oito annos, e depois dos melitos lhe darem só poucos mezes de vida.

**Cura n.º 62:476.**—Sainte-Romaine-des-Illes (Siõna et-Loire).—Senhor.—Bemdito seja Deus! A *Revalescière du Barry* poz fim aos meus 18 annos de soffrimentos do estomago e dos nervos, de fraquezas e de suores nocturnos.—J. COMPARET, cura.

**Certificado n.º 69:719.**—HYDROPSIA, RETENÇÃO.—Tres d'estes casos foram radicalmente curados. Para as tosses adquiridas por um resfriamento, produz a suspensão repentinamente; para as retenções de urina e doenas de estomago, produz o melhor effeito e dissipa a melancolia.—LANGEVIN, cura.

**Cura n.º 48:816.**—Certificado do celebre doutor Redolpho Wurzer. Bonn, 19 de janeiro de 1855.—A *Revalescière* substituiu admiravelmente toda a medicina em muitas doenas, sobretudo nas diabethes, constipações obstinadas e habituaes, assim como nas diarréas nas affecções dos rins e da bexiga, nas contrações e nas hemorrhoidas, assim como nas doenas pulmonares e dos bronchios, nas tosses e na tísica.—Doutor RUD. WURZER, Membro de varias sociedades scientificas.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs.; de um kilo, 1\$400 re s.; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de

lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

**DU BARRY & C.ª LIMITED.**—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisbon, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32; Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

**DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.**—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castello, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—Penafiel, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirè Rahir, Rua de Ceolofeita, 160; Fontes & C.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Povoa do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

### Despedida e agradecimento.

Joaquim Maria Alves, ex-chefe da estação do caminho de ferro d'esta cidade, tendo sido nomeado para identico logar na de Campanhã (Porto), para onde teve de partir immediatamente; por este meio se despede de todas as pessoas que o honraram com a sua amizade, assim como agradece todas as attenções que durante a sua estada aqui lhe dispensaram. A todos os seus amigos offerece o seu limitado prestimo na localidade referida, ou onde se achar. (628)

## AGRADECIMENTOS

José Antonio da Silva Graça, sua mulher, filha e genro, agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que, durante a enfermidade de sua filha, irmã, e cunhada, Carlota Augusta da Silva Graça, se interessaram pelo seu restabelecimento, prestando os obsequios que estavam ao seu alcance; bem como ás que por occasião do fallecimento da mesma lhes dispensaram seus serviços.

A todas tributam seu profundo reconhecimento e eterna gratidão

Manuel Antonio da Silva Paredes, summamente penhorado agradece a todos os illm.ºs e exm.ºs snrs. que tiveram a honra de o acompanhar nos seus sentimentos, por occasião do fallecimento de sua mui chorada esposa D. Anna Maria Ferreira da Silva Paredes.

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente, a todos tributa a mais pura e sincera gratidão.

Braga 26 de novembro de 1877. (633)

## ANNUNCIOS

AO PUBLICO

Joaquim Leal, com estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, na rua do Souto n.º 39, declara que tendo verificado que para a prosperidade, n'esta cidade, d'um estabelecimento do genero do seu é condição essencial a postergação do divino preceito da guarda do domingo, tem deliberado liquidar o seu estabelecimento. Em harmonia com esta deliberação, fará notavel redução de preços nas suas fazendas. (632)

17 - RUA DE S. VICENTE - 17

BRAGA

VENDAS A PRESTAÇÕES

DE 400 RS. SEMANAES

MACHINAS LEGITIMAS

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Os unicos fabricantes de machinas para coser, com casas estabelecidas em Portugal para fornecer directamente ao publico e as quaes obtiveram maiores premios na exposiçao universal de Philadelphia

!! GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTOS !!

Para adquirir as melhores machinas conhecidas

UM ANNO DE PRAZO

Sem augmento algum nos preços, ou dez por cento de abatimento por prompto pagamento

ENSINO GRATIS EM CASA DO COMPRADOR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS

Com listas de preços e as condições de vendas a prasos

NA SUB-SUCCESSAL

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

17, RUA DE S. VICENTE, 17

BRAGA

OU

NA SUA SUCCESSAL

333-RUA FORMOSA-337

PORTO

(586)

Reunião de credores

Pelo juiz commissario da massa fallida de Oliveira & Filho, d'esta cidade, foi designado o dia 7 do proximo mez de dezembro para ter logar a reunião dos credores do da fallencia afim de deliberarem sobre o projecto da concordata apresentada; o que se faz publico para comparecimento dos mesmos, por si, ou por seus procuradores, que em tal caso deverão vir munidos de procuração com poderes bastantes e especiaes para esse fim, e ter em vista a disposiçao do art. 1204 do Cod. Commercial.

O curador fiscal

(630) José Antonio da Silva Gomes.

Fallencia de José Custodio Ribeiro, a esta cidade

São convidados pelo presente annuncio todos os credores d'esta fallencia afim de se reunirem no tribunal do commercio d'esta cidade no dia 5 de dezembro proximo futuro, pelss 10 horas da manhã, no largo de Santo Agostinho, para se proceder á verificaçao dos creditos e mais diligencias legais. Os documentos devem vir sellados, e ninguem poderá ser procurador de dous credores, ou procuração feita a credor do fallido: art. 1204 do Cod. Commercial.

Braga 26 de novembro de 1877.

O curador fiscal

(629) Manuel João de Faria.

Ações e promissórias de bancos e companhias

Compram-se e vende-se na rua Nova de Sousa n.º 9. (510)

Solicitador—A. Lopes da Gama  
Escriptorio—Taypaas n.º 5—Porto (613)

DINHEIRO A JURO

Na confraria de Santo Amaro, da Sé Primaz, ha para dar a juro de 500 reis 650\$000. A pessoa que os pretenda, dando boa hypotheca, póde fallar com o secretario da mesma no Seminario de S. Pedro, d'esta cidade. (631)

Valido até 17 de dezembro

**COUPON PRIMA**  
A IMMACULADA CONCEIÇÃO  
Exemplares.

União Parisiense de Bellas Artes

BOULEVARD DE LA MADELEINE, 47, PARIS

Representante em Madrid  
Olivar, 6-2.º

Valido até 17 de dezembro

PROFESSOR DE COMMERCIO

Acaba de chegar a esta cidade um professor com muitos annos de pratica de ensino do curso completo, etc. Também lecciona só qualquer das disciplinas, como: escripturação mercantil geral ou especial, contabilidade commercial, systema monetario e cambial, metrologia universal; geographia, historia e direito commercial; algebra, economia politica, dezenho, callygraphia, linguas, etc. Está aberta a matricula até ao 1.º de dezembro, dia em que se inaugurará o curso.

Preço em classe—2\$500 (Curso diurno Particularmente—4\$500) e nocturno.

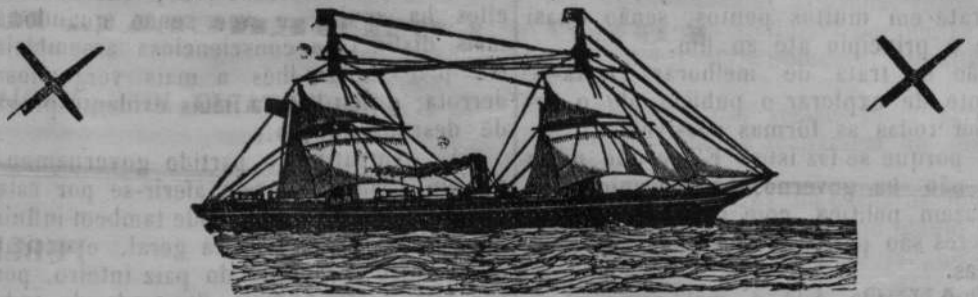
Rua do Conselheiro Januario, 31. (622)

Atenção

Na rua de S. Lazaro, n.º 4, compra-se uma Imagem do Crucificado, que tenha de altura, com a propria cruz, um metro ou pouco menos. (634)



MALA REAL INGLEZA  
(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceitando tambem passageiros de 3.ª classe, com trasbordo no Rio de Janeiro, para SANTOS, PARANAGUÁ, SANTA CATARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CANPOS, VICTORIA, MACEIÓ, e outros pontos do litoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco

PELO MESMO PREÇO QUE PARA O RIO DE JANEIRO

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

TAGUS . . . . . 14 de Dezembro	ELBE . . . . . 13 de Janeiro
GUADIANA . . . . . 28 de Dezembro	MINHO . . . . . 28 de Janeiro

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cosinheiros portuguezes para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a conduçao para Lisboa é por conta da Companhia.

Os passageiros com trasbordo no Rio de Janeiro, teem sustento e hospedaria gratuita durante a demora precisa para obter trasbordo.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cosinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais de um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrencia que teem de passageiros e pelos innumeros agradecimentos que ha archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a conduçao das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas. Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, rua do Souto.

QUARTO

Pretende-se arrendar um quarto mobilado, em casa particular, para uma pessoa só. Dirigir se a esta redacção.

Tendo desaparecido, por occasião do incendio no mosteiro de Rendufe a promissoria n.º 15438, da quantia de 715\$750 reis, passada pala Gerencia do Banco do Minho, em 17 de julho de 1877 a praso de 6 mezes, com vencimento para 17 de janeiro de 1878, a favor de João Martins Lage, ou Domingos Martins, reitor da freguezia de Rendufe, previne-se a quem a achasse de que com ella não póde fazer transacção alguma; pois que a referida promissoria não póde ser paga senão a qualquer dos abaixo assignados, para o que já se preveniu no mesmo Banco do Minho.

João Martins Lage.

(627) O reitor Domingos Martins.

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Rua de S. Marcos n.º 19.

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (580)

Precisa-se de um homem para assentar praça por um recruts. Para tractar na rua do Alcaide n.º 11 (608)

Pretende se alugar uma casa n'esta cidade ou arrabaldes (preferindo-se na freguezia de S. Pedro), com alguns com-

J. M. P. P.

CIRURGIÃO DENTISTA

DA

Escola Americana

Consultorio a toda a hora, tanto de dia como de noite Rua do Campo (antiga Porta de S. Francisco) n.º 22. (582)

FILIAL DA CAIXA

ECONOMICA PENHORISTA

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital. . . . . 500:000\$000

RUA NOVA DE SOUSA, N.º 9

(Tambem com entrada pela rua do Campo)

BRAGA.

Empresta dinheiro sobre ouro, prata, joias, papeis de credito, cereaes, roupas, moveis, ferramentas, e sobre todo e qualquer objecto do valor não inferior a 100 réis.

Recebe-se dinheiro em deposito a praso ou á ordem abonando juros convençionaveis

A caixa está aberta todos os dias desde as 9 hora da manhã até ás 7 da noite, e nos dias santificados estará aberta só até ao meio dia.

O gerente—A. G. Ferreirinha.

modos decentes, e com quintal ou quintalejo. Fallar na rua da Cruz de Pedra, n.º 5. (624)